

O SONHO de Similião

ONDE NASCEU:
Hospital das Forças
Armadas, no
Cruzeiro Novo

ORIGEM FAMILIAR:
Os pais são de
Recife (PE)

**LEMBRANÇA
DE INFÂNCIA:**
Brincar com os
amigos de bate-bola
(guerras com bolas
de meia) no carnaval
de rua do Cruzeiro

**O QUE GOSTA
EM BRASÍLIA:**
Chegar de viagem, à
noite, no aeroporto.
"Gosto de atravessar
o Eixão todo
iluminado. Me
emociona e me faz
sentir em casa"

**Sua avó, pernambucana e fã de Dom Bosco,
também escolheu o nome do neto a
partir de uma visão. E o jovem de 26 anos
nascido no HFA se tornou ator**

DA REDAÇÃO

Em 30 de agosto de 1883, Dom Bosco, padre italiano fundador da Ordem dos Salesianos, teve mais um de seus então famosos sonhos. Uma voz ríspida lhe dizia que entre os paralelos 15º e 20º havia uma depressão comprida onde "(...) surgirá a terra prometida". Em dezembro de 1956, antes mesmo da inauguração de Brasília, a igreja Dom Bosco foi erguida às margens do Lago Paranoá, no paralelo 15º. Em meados de 1979, a pernambucana católica Júlia Clementina também teve mais um de seus nem tão famosos sonhos. Um garoto aparecia para ela e dizia: "Quero me chamar Similião". Alguns meses depois, sua filha Abirael Amorim Silva engravidou e trouxe ao mundo Similião Aurélio Amorim Silva, 26 anos, um dos atores que melhor representa a cena teatral de Brasília.

Similião é ator desde sempre. Aos 5 anos já encarnava personagens para entreter os amigos da quadra onde morava, na Asa Norte. "À noite, a gente brincava nos corredores. As escadas viravam palco e eu era o mágico, o professor... Era divertido", lembra. Filho de pai militar, o pequeno Aurélio viajou com a família por todo o Brasil, até se estabilizar na capital federal, aos 11 anos. "Apesar de não ter nascido aqui, meus pais sempre quiseram morar em Brasília", conta. Nas temporadas que passou na capital, Similião buscava refúgio nas páginas dos livros. "Sempre gostei de ler. Ia muito no INL (o extinto Instituto Nacional do Livro, que ficava na 707 Sul)."

Similião tinha 11 anos quando escolheu o texto *Retrato*, de Cecília Meireles, para o teste das aulas de interpretação



SIMILIÃO AURÉLIO COMEÇOU A REPRESENTAR AOS 5 ANOS: TRAVESSURAS DE ADOLESCENTES NO TEATRO NACIONAL

do Ciman, escola onde estudava, no Cruzeiro. Ele conta que, dois meses antes do que seria sua primeira apresentação, saiu das aulas por causa do nervosismo da estréia. Mas era tarde demais. Ele já tinha sido escolhido pelo teatro. As aulas continuaram no Colégio Militar, onde concluiu o ensino médio. Depois veio uma série de cursos em Brasília e São Paulo. A estréia aconteceu em 1996 com o espetáculo *Os saltimbancos*, no Teatro da Caixa.

Nos bastidores do teatro

Como João de Santo Cristo, da música *Faroeste caboclo*, de Renato Russo, Similião também teve a fase em que "ia a festas de rock para se libertar". Ele freqüentava o Gilberto Salomão, no Lago Sul, onde shows de bandas como Raimundos e Little Quail contagiam a capital do rock. No entanto, o programa preferido sempre esteve nos poucos teatros que havia em Brasília, no começo da década de 1990. Similião revela um esquema pouco convencional que ele e uma amiga tinham para assistir os espetáculos do Teatro Nacional: "A gente dizia que ia para o figurino (naquela época podia-se alugar roupas), mas entrávamos nos camarins. Esperávamos até cinco horas antes de a peça começar. Vimos *O mer-*

cador de Veneza cinco vezes". Ele explica que o "esquema da amizade" teve de acabar antes de eles completarem 18 anos: "A gente podia ser preso", ri.

O ator traz na bagagem cerca de 50 trabalhos, entre cinema e teatro. Desenvolveu ao longo da carreira parcerias com Robson Graia, Luciana Martuchelli, Cláudio Falcão e James Fensterseifer. Atualmente, dedica-se a uma nova paixão: a direção. "Faz a gente se sentir generoso, tirar o olho do umbigo e olhar para o todo", explica. Mas Similião, que se entusiasma ao falar do crescimento do teatro em Brasília, também tem críticas à lei de incentivo à cultura. "Falta valorizar a cultura local. Leis regionais que destinem verba, mesmo que pequenas, para a cidade". Ainda no primeiro semestre de 2007, ele estreará três novos projetos: *Noite de adeus*, *Antuérpia*, como diretor, e *Super*. Entre a grandiosidade da Sala Vila-Lobos, no Teatro Nacional, e a intimidade do Teatro Goldoni, na Casa D'Itália (209 Sul), ele fica com a segunda opção. "Gosto de ficar perto do público", conta.

Hoje, o garoto mágico e o adolescente roqueiro deram lugar a um homem que gosta de andar pelas ruas de Brasília. "Aqui tenho minha casa, meus amigos, minhas coisas. E é a cultura daqui que eu quero ver crescer", declara.